



## Ave, brancura, cidade e poesia

Foto: Edson Ferreira da Veiga  
Texto: Augusta Fehrmann Gern

Possivelmente você já viu essa espécie e se perguntou: Como é possível estar sempre tão branquinha? Essa é uma das características da **Garça-branca-grande** (*Ardea alba*, sinônimo *Casmerodius albus*). Presente em todas as regiões do país e também em vários pontos do município de Itapoá, tem como característica mais marcante a "alvura sacra": sua cor branca já a fez ser considerada como um animal sagrado, pois ao invés de ter uma cor para se camuflar no ambiente, é reluzente e chamativa.

Toda essa limpeza e brancura estão associadas a glândula que libera um líquido que deixa as penas protegidas. Como os patos, as garças espalham esse líquido pelo corpo que, de certa forma, impermeabiliza e limpa a plumagem.

Essa espécie vive em grupos à beira de rios, lagos e banhados. Assim, em Itapoá, é mais fácil de ser encontrada em áreas alagadiças, como nos arrozais, na Baía da Babitonga e nas margens dos rios, principalmente na foz do rio Saí Mirim.

Sua alimentação é variada: apesar do prato principal ser o peixe, ela já foi vista comendo quase tudo que possa caber em seu bico, conforme

informações do site Wikiaves ([www.wikiaves.com.br](http://www.wikiaves.com.br)). Na época de reprodução, fêmeas e machos apresentam longas penas no dorso, chamadas egretas. Por conta dessas penas especiais, as garças-brancas-grandes já foram muito caçadas para a indústria de chapéus femininos.

Essas garças podem medir de 65 a 104 cm de comprimento. Muita gente acha que a garça-branca-pequena é o filhote da grande, mas não é. Essa é outra espécie e as duas podem ser diferenciadas pela cor da ponta do bico e das pernas: na grande são escuros e na pequena amarelados.

E assim, branquinhas, elas também são inspiração para além da limpeza. No estado de São Paulo, um rio foi batizado como Ribeirão da Garça pela presença de muitas dessas aves e, esse rio, há 90 anos atrás, deu nome a uma cidade: Garça. Além de ave e cidade dos garcenses, ela também é poesia, escrita pelo renomado Castro Alves: "*Eu sou a garça triste que mora à beira do rio, as orvalhas da noite me fazem tremer de frio. Me fazem tremer de frio como os juncos da lagoa; feliz da araponga errante que é livre e que livre voa*".